

Ekografias do hiv/aid\$: arte ativista na cena contemporânea brasileira¹

Ramon Victor Belmonte FONTES²
Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

Investigar obras de arte produzidas por pessoas racializadas e soropositivas para o hiv/aids, refletindo o que emerge como reação contracolonial capaz de contar histórias diferentes das retratadas ao longo de quarenta anos desde o surgimento da epidemia (1980) é o nosso objetivo. Ekografar a epidemia é fazer o arquivo ecoar outras possibilidades para refletir sobre a persistência de mortes na população negra, a vida psíquica e dinâmicas subjetivas da pessoa que vive com hiv/aids e o uso da arte como episteme de cura. A ekografia, como modo de leitura crítica, dialoga metodologicamente com Leda Maria Martins (2021), Jota Mombaça (2016; 2020), Denise Ferreira da Silva (2019), Saidiya Hartman (2008; 2021) entre outras.

PALAVRAS-CHAVE: hiv; aid\$; cura; arte contemporânea; leitura po-ética.

Contextualização e objetivos

A comunicação aqui estabelecida intenta apresentar os resultados oriundos da tese de doutoramento intitulada Ekografias do hiv/aid\$, defendida em julho de 2023 no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult/UFBA). No que tange o seu diálogo com o campo dos Estudos Interdisciplinares e da Comunicação Social os escritos objetivam expandir a noção de literatura, sobretudo a partir do seu diálogo com a arte contemporânea brasileira. Isto é, ao conceber o conceito de ekografia a partir da intertextualidade com o cinema, a música, o teatro, a performance, a dança, a vídeo-performance e as artes visuais, o trabalho faz dialogar as oralituras e afrografias (MARTINS, 2021) das comunidades de terreiro de candomblé com um afinado repertório acadêmico no traquejo dos conceitos e teorias, seja da área das ciências humanas, da área das ciências exatas e também da área da saúde.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Professor do Curso de Relações Públicas da UNEB-Campus I (Salvador/BA), email: ramon_fontes@hotmail.com.br

A escrita, portanto, propõe um caminho transdisciplinar e um modo de leitura crítica no campo das artes, capazes de refletir sobre as obras produzidas por pessoas racializadas e soropositivas para o hiv/aids, em 2023, sem repetir o *continuum* autobiográfico e as narrativas de medo, morte e dor que foram construídas, performadas e retratadas ao longo de quarenta anos desde o surgimento da epidemia do hiv/aids na década de 1980 (MESQUITA, 2008; JARDIM, 2019). Além disso, ao refletir sobre a construção discursiva e sógnica que atrelou, de forma sensacionalista, o vírus do hiv, a doença aids e a morte como sinônimos de abjeção (BESSA, 2002), a tese celebra originalidade ao recusar criticamente uma cosmopercepção ocidental sobre a morte, em favor de uma cosmopercepção iorubá (NASCIMENTO, 2020; ELBEIN DOS SANTOS, 2012) oriunda dos terreiros de candomblé brasileiro, na qual a morte é compreendida não como abjeta, mas como processo civilizatório e ritual capaz de fortalecer os laços de pertencimento da comunidade material e ancestral.

Ao produzir o neologismo ekografia, a escrita se utiliza do repertório dos terreiros de candomblé, a partir do elemento ritual “ekó” [bolinho de milho branco embalado em folha de bananeira, que tem sentidos de vitalidade/saúde] (SILVA, 2023; PRANDI, 2001; BENISTE, 2011), grafando de maneira contracolonial (BISPO, 2015) um modo de leitura crítica no campo das artes contemporâneas que busca por formas de vida/vitalidade, de resistência, de representatividade e ressignificação dos signos ocidentais de morte. Essa busca produz, portanto, um agenciamento/uma intenção de cura a partir das expressões artísticas de artistas racializadas e soropositivas para o hiv/aids, mesmo diante da inexistência de uma cura para a epidemia, nos termos das ciências da saúde.

Travessia metodológica

O trabalho se utiliza de uma metodologia que faz dialogar a tradição do pensamento negro estadunidense (*Black Studies*) e a impactante produção contemporânea do pensamento negro radical, sobretudo quando manejada para refletir a realidade brasileira. A tese segue os pressupostos experimentais da leitura po-ética [*poethical reading*] negro feminista da filósofa brasileira Denise Ferreira da Silva (2019) e do método da fabulação crítica [*critical fabulation*] da historiadora

novaiorquina Saidiya Hartman (2008; 2021). Nesse processo dialógico, a escrita forja o conceito de ekografia e localiza na dialética racial brasileira interstícios por onde uma linguagem po-ética tem capacidade de fazer surgir um "terceiro elemento" que investe na vida e na vitalidade como movimento contracolonial de cura. Isto é, ao dialogar com o campo das artes contemporâneas a tese elabora outros movimentos de escrita e outros modos de narrar as violências ocorridas ao longo de quarenta anos da epidemia de hiv/aids, ao passo em que celebra e honra a vida/obra de quem sobreviveu à epidemia.

A ekografia, como modo de leitura crítica no campo das artes contemporâneas, constitui-se num experimento inovador em termos metodológicos, isso porque sua fortuna crítica reside justamente em priorizar aspectos culturais brasileiros (repertório vasto e oriundo dos terreiros de candomblé), fazendo dialogar tradição, poesia e arquivo, com vistas a narrar histórias positivadas de vida e não as histórias negativadas pelo olhar colonial sobre raça, hiv/aids, gênero/sexualidade e a morte. No encontro com sete artistas brasileiras da cena contemporânea: Franco Fonseca (RN), Maria Sil (SP), Micaela Cyrino (SP), Xan Marçall (PA), João Nyn (RN), Lina Acácio (CE) e Bruna Kury (RJ), a tese produz um esforço inventivo ao narrar como, mesmo atravessadas por dinâmicas de opressão e violência brutais (sorofobia, racismo, lgbtqifobia e machismo) essas artistas agenciam seus processos artísticos e obras de arte para produção de vida, de saúde, de denúncia e de reivindicação política de novos mundos.

Contribuições do trabalho para o campo sociocultural

A relevância do trabalho reside em, pelo menos, três proposições: a) no modo de leitura crítica transdisciplinar sobre os quarenta anos da epidemia de hiv/aids no Brasil, sobretudo ao descentralizar a hegemonia das análises do campo de estudos da saúde; b) na escolha e priorização de materialidades (obras de arte) produzidas pelo corpo e subjetividade de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade, racializadas e que vivem abertamente com a sorologia do hiv/aids exposta, inclusive criando artisticamente a partir dessa localização identitária; c) na promoção de autoestima da pessoa que vive com hiv/aids e na ampliação do debate sobre a epidemia com vistas a redução do estigma. Em relação ao modo de leitura crítica transdisciplinar (a) o trabalho produz um robusto esforço de desconstrução dos signos negativos que se foram sendo tecidos ao

longo de quarenta anos de epidemia, sobretudo a partir de abordagens médicas, sanitárias e culturais que construíram as pessoas racializadas e que vivem com hiv/aids como sendo os “Outros”, os “objetos de estudo”. Portanto, a partir de um relevante trabalho de agenciamento ético e estético com a literatura expandida, a autoria consegue descentralizar a hegemonia dos discursos produzidos pelas ciências da saúde, oportunizando a criação de múltiplas possibilidades de reflexão sobre a epidemia, no tempo em que vivemos, sobretudo no campo cultural e social. Em relação à (b) escolha e priorização de obras de arte de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade, racializadas e que vivem abertamente com a sua sorologia para o hiv/aids exposta, para produzir os diálogos a que tese se propõe devo dizer que a relevância está sobretudo no caráter ativista e político de tal escolha. Isto é, na medida em que tais artistas decidem ressignificar os marcadores identitários de subalternização, construídos ao longo do tempo a partir da perspectiva da “outridade”, e recuperam o protagonismo sobre as suas vidas e narrativas estéticas (MOMBAÇA, 2016; 2018; 2020) é inegável que as interações no tecido social tornam-se mais complexas. Dito isso, ao dialogar com as obras dessas artistas o trabalho aponta a importância e a extrema relevância em aprender com e a partir da perspectiva dos indivíduos que estão diretamente atravessados pelos marcadores identitários citados ou, dito de outra maneira, a relevância dos escritos reside no fato de produzir e encorajar uma política de fala e visibilidade para indivíduos que foram silenciados e invisibilizados ao longo dos tempos, no campo científico, cultural e social. O último fator de relevância sobre o trabalho dialoga bastante com o anterior, ou seja, (c) na medida em que cria espaços de diálogo, de crítica e de visibilidade das produções artísticas de artistas contemporâneos da cena brasileira a tese contribui no campo socioeducativo, pois mantém e amplia o debate sobre questões urgentes da sociedade brasileira, como o racismo, o sexismo, a lgbtfobia e a sorofobia. Da mesma forma, ao oportunizar um diálogo aprofundado com as obras das artistas a relevância da tese reside na promoção de saúde, bem estar e autoestima da pessoa racializada e soropositiva para o hiv/aids, ao passo que contribui científica, social e culturalmente para redução dos preconceitos e do estigma (UNAIDS, 2019) ainda hoje vigentes na sociedade brasileira.

À guisa de conclusão

A tese está organizada em cinco capítulos, dos quais o primeiro é o mais extenso e adensado em termos conceituais. É nesse capítulo que o autor divide com o leitor os momentos de hesitação e decisões sobre a escrita, ao passo que nos conta como surgiu e como foi sendo calmamente construído o conceito de ekografia. No segundo, terceiro e quarto capítulo da tese é o momento em que podemos verificar a ekografia, como um modo de leitura crítica da cena das artes contemporâneas brasileira, funcionando nas interlocuções que o autor faz entre inventividade/criação poética, teoria e crítica ensaística. Nesses capítulos, por exemplo, conhecemos mais profundamente as sete artistas brasileiras, suas enunciações identitárias, seus atravessamentos poéticos inspirados por tais marcadores identitários (raça, sexualidade, gênero, território, status sorológico para o hiv/aids, idade etc.) e, também, somos apresentados às obras de arte dessas artistas, que o autor elege para produzir as reflexões da tese. No quinto e último capítulo, intitulado “Daquilo que nos atravessa de forma inconclusa” o autor produz dois instigantes movimentos: o movimento de tentar concluir uma escrita que ainda segue acontecendo, pois o autor é também escritor e artista (atravessado pelos mesmos marcadores a que pretendeu analisar – soropositivo para o hiv/aids, pessoa lgbt e negro racializado como pardo). Um segundo movimento que o autor faz é o de produzir essa “inconclusão” de uma pesquisa de doutoramento chamando para o corpo do texto as suas próprias obras de arte, produzidas enquanto vivíamos a pandemia da COVID-19. Longe de parecer presunçoso ou de reiterar uma falsa modéstia, o autor nos ajuda a compreender o conceito de ekografia justamente quando se reconhece e implica-se na disputa política sobre o que significa ser artista contemporâneo no Brasil, quando se está produzindo ética e esteticamente a partir de marcadores sociais construídos como negativos: negro, soropositivo para o hiv/aids e dissidente das normas de sexualidade e gênero. A maneira como o autor escolhe finalizar o texto, endereçando uma carta ao milho branco, matéria prima do ekó (que nomeia a sua tese), é uma forma magistral de concluir um texto sem necessariamente encerrá-lo.

REFERÊNCIAS

BENISTE, J. **Dicionário yorubá-português** - 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BESSA, M. S. **Os perigosos: autobiografias & AIDS**. - Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

BISPO, N. **COLONIZAÇÃO, QUILOMBOS: modos e significados**. Brasília, DF: INCTI, 2015.

ELBEIN DOS SANTOS, J. **Os Nàgô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia**. 14. ed. – Petrópolis, Vozes, 2012.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A Dívida Impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política, apoio Casa do Povo, 2019.

FONTES, R. **Ekografias do HIV/aid\$**. 2023. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

HARTMAN, S. **Vênus em dois atos**. In: Pensamento Negro Radical. Clara Barzaghi, Stella Z. Paterniani, Adré Arias (org.); traduzido por Allan K. Pereira ... [et al.]. - São Paulo: Crocodilo; São Paulo: N-1 Edições, 2021.

JARDIM, E. **A doença e o tempo: aids uma história de todos nós**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MARTINS, L. M. **Performances do Tempo Espiral - Poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

MESQUITA, A. L. **Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva (1990-2000)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MOMBAÇA, J. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência**. 12 de 2016. Disponível em: <https://encurtador.com.br/csvV3>. Acesso em: 15 de Jul. de 2020.

NASCIMENTO, W. F. do. **Da necropolítica à ikupolítica**. Revista Cult, São Paulo, ano 23, nº 254, pp. 29-31, fev. 2020.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás** - São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

UNAIDS. **Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS**. 2019. Disponível em: <https://unaids.org.br/indice-estigma/>. Acesso em: 27 mar. 2024.